

PARA ALÉM DAS PÁGINAS: CONVERSAS COM DOCENTES

Luciana Velloso da Silva Seixas - Proped/UERJ

lucianavss@gmail.com

Notas iniciais

Este estudo vincula-se ao projeto de pesquisa “Os desafios do ensinar e aprender num tempo de pluralidade cultural”, que, em uma das suas vertentes, fez um levantamento das notícias sobre o Ensino Fundamental divulgadas durante o período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2004, nos dois jornais cariocas de maior abrangência: O Globo e O Dia¹. Estes dois jornais têm como interesse adicional o fato de que se dirigem a segmentos diferenciados da população e pode-se dizer que o próprio nome dado a estes periódicos especificam a direção tomada em suas notícias.

O Dia é lido por um amplo segmento da população que se interessa por dados que falem mais a respeito de seu cotidiano, do mundo do trabalho, das questões que afetam mais propriamente a qualidade de vida na cidade. Tem uma apresentação mais colorida e variada e seus textos são, de forma geral, mais sucintos. O Globo é um jornal que atinge, em maior escala, um grupo mais interessado em questões mais gerais – locais, nacionais e internacionais - e matérias que sejam objeto de um estudo mais detalhado. Sua apresentação é mais formal e menos colorida.

No trabalho de coleta e registro das matérias, se organizou um banco de dados que armazenou essas matérias catalogadas e codificadas em fichas, que tiveram por base o suporte da pesquisa “O descobrimento do Brasil: memória social e representações de brasileiros e portugueses”, realizada no Instituto de Psicologia/UERJ, sob coordenação do professor Celso Sá. Os tópicos destacados na ficha assinalam os dados básicos da matéria - como data de publicação, título, página e quadrantes ocupados etc. -, a descrição da matéria – incluindo a forma discursiva, fontes de informação, autoria, conjuntura, sujeitos de referência e esferas implicadas - e dados sobre as ilustrações apresentadas e suas legendas.

Considerando-se a imagem visual como um dispositivo que produz forte apelo junto ao leitor, sendo muitas vezes decisiva na geração de determinadas interpretações acerca das notícias (Mouillaud, 2002), o que se pretendeu problematizar foi como a docência estava sendo mostrada nas páginas dos dois jornais em questão durante todo o ano de 2004 e em que contexto se dava esta divulgação. Paralelamente, buscou-se a interpretação dos sentidos e significados que estavam sendo mobilizados nos profissionais do ensino por aquelas fotografias, a partir de uma série de conversas em que os mestres compartilharam suas histórias

¹ Gomes (2003) indica que, a partir de pesquisa realizada em 2001, a Associação Nacional de Jornais organizou uma distribuição das 10 maiores tiragens de jornais brasileiros e nesta O Globo e O Dia ocupam, respectivamente, o terceiro e o quarto lugar, estando logo abaixo da Folha de São Paulo (1º lugar) e de O Estado de São Paulo (2º lugar).

de vida e concepções sobre o magistério e o cotidiano escolar. Serão, então, apresentados trechos de entrevistas realizadas com docentes de diferentes áreas da grade curricular.

Em estudo anterior (TURA, SEIXAS e PEREIRA, 2005), destacou-se o quanto as matérias de jornal contribuem para a produção de significados e oferecem subsídios para a construção de imagens, valores e crenças sobre a vida nas escolas. Dessa forma, percebe-se a necessidade de se discutir o papel fundamental que as imagens possuem na formação da opinião pública, sendo instrumento poderoso na difusão de idéias.

Foram então selecionadas cinco fotografias de docentes vivendo diversas situações e oito professores/as da rede municipal que foram os sujeitos desta investigação assinalaram em entrevista o que essas fotos evocavam. Com isso buscou-se entender melhor o impacto sobre os professores/as de fotos que retratavam o magistério. O centro da análise é, dessa forma, a produção de significados que emergem dessas imagens.

Tura (2003) nos destaca que o interesse em fazer pontes entre o que ocorre na prática pedagógica e o que de fora lhe é imposto na forma de demandas, expectativas e determinações está ligado ao que se tem freqüentemente relatado como impasses e confrontos vividos no ambiente escolar. Muitos de nós esperamos que os/as professores/as atuem segundo determinados modelos, posturas e atitudes, que coincidem com aquilo que deles se fala nos veículos midiáticos.

Essa tensão existente entre o que envolve a cultura escolar, as expectativas da sociedade para com o trabalho docente e as imagens que a mídia divulga sobre esses profissionais é um campo complexo, mas que merece ser explorado se o que se pretende é compreender como o profissional do magistério encara aquilo que tem sido produzido e reproduzido sobre sua figura.

Para estudarmos os produtos midiáticos entendendo-os como diretamente relacionados com nossas concepções sobre a educação e o magistério, faz-se necessário indagar sobre como o público leitor irá receber essas muitas fotos que divulgaram o trabalho docente durante o ano de 2004.

Identidade docente: permanências e tensões

Uma das discussões que vêm ganhando cada vez mais ênfase nos debates contemporâneos é a da identidade, posta em um contexto difuso de globalização e desestabilização dos paradigmas que até então se colocavam como pontos seguros a nortear nossas reflexões. A concepção de uma identidade fixa, totalizante e unificada, tão enaltecida pelo Iluminismo, tomava como modelo o indivíduo racional, dotado de um núcleo de identidade estável que o acompanharia desde o nascimento. Contudo, conforme nos indica Stuart Hall (2003), tais certezas foram sendo reavaliadas conforme as novas experiências se desvelavam diante do sujeito moderno.

De acordo com o sociólogo Zygmunt Bauman (2005), estaríamos transitando de uma fase mais sólida, característica da Modernidade, para um momento de liquefação das estruturas e instituições sociais. O autor questiona o fato de as

identidades possuírem um encaixe perfeito e afirma que nossa biografia só pode ser comparada a um quebra-cabeça se tivermos em mente que nele irão faltar muitas peças. E estas peças vão sendo colocadas e recolocadas, postas e sobrepostas permanentemente.

Ao discutirmos a docência e suas relações com aquilo que a mídia divulga, indagamos como um mestre se percebe enquanto tal? Quais são as idéias e sentimentos que tem sobre sua atividade? Dúvidas, incertezas? O que caracteriza a(s) identidade(s) docente em um momento de tantas instabilidades? Como pensar em identidade no singular em momentos em que a multiplicidade e a pluralidade tanto nos interpelam? Muitas questões que nos inquietam para que se dê conta de pensá-las em toda a sua amplitude nestas breves linhas.

Em trabalho que acompanhou as diferentes representações da profissão docente no periódico carioca *Jornal do Brasil*, no período de 1940-1992, Ferreira (2002) nos ajuda a compreender que no imaginário social são geradas determinadas visões do “ser professor” e que essas visões são mutáveis e vão sendo construídas historicamente, através das relações que estabelecemos no cotidiano. É uma espécie de jogo de expectativas que se dá entre os sentidos produzidos por nós e pelas outras pessoas. Sendo o jornal um importante instrumento de difusão e circulação do imaginário social, percebeu-se que a trajetória do magistério foi sendo descrita, de uma forma ou de outra, nas páginas dos jornais.

Acompanhando essas narrativas, fica evidenciado que os professores nem sempre foram tratados com o descaso que nos mostra grande parte das imagens e notícias de jornais que foram objeto do presente trabalho. Ao contrário, o magistério já foi tido como uma profissão que Ferreira concebe como sagrada, cuja imagem associa-se à de um verdadeiro intermediário entre Deus e os homens. Os ideais de vocação, sacerdócio, abnegação e caridade são intimamente associados aos docentes, cuja profissão era entendida como uma missão e que só aqueles que realmente tinham o dom poderiam exercer.

A visão do magistério como um sacerdócio começa a entrar em declínio quando o docente passa a se anunciar como “ser humano, mortal, que para viver com dignidade precisa se alimentar, vestir, morar, pois não é santo e tampouco transcende a natureza humana” (FERREIRA, 2002, p.81). Aquele personagem abnegado, disposto a tudo pela causa educativa, ao dar início ao processo de contestação dessa imagem endeusada, começou a cobrar da sociedade a afirmação de sua profissão, bem como salários condignos e melhores condições.

Henry Giroux (1997) faz algumas considerações sobre a progressiva caracterização do docente como proletário, bem distinto da visão outrora tão sacralizada que se fazia deste profissional. As reformas educacionais do ensino geralmente são elaboradas por supostos especialistas que costumam não estar interados do cotidiano das salas de aula e de toda a complexidade que ali se desvela. Os currículos já chegam pré-estabelecidos, cabendo ao mestre apenas a tarefa de repassá-lo aos alunos. Nesse contexto, Giroux entende que esse modelo de transmissão de conhecimentos em “pacotes” pode ser definido como uma pedagogia do gerenciamento, em que “o conhecimento é subdividido em partes diferentes, padronizado para serem mais facilmente gerenciados e consumidos, e medidos através de formas de avaliação pré-determinadas” (p.160).

Com o passar do tempo, percebe-se que na mídia foi sendo re(elaborada) a figura do professor/a, figura esta que muitas vezes discorda do que a imprensa, do que os políticos e os acadêmicos apregoam. É uma imagem que vem contestando o discurso de professor do Ensino Básico como “mais moralizador de condutas do que de transmissor de conhecimentos” (ARROYO, 2004, p.88). Com isso, percebe-se que as subjetividades estão em constante atualização, sendo diretamente influenciadas pelas relações que se estabelecem em determinados contextos sócio-históricos.

Atentar para o cruzamento de discursos do passado, presente e futuro é algo fundamental para entender como o perfil do profissional do magistério é instituído. É nessa tensão dialética entre o que o produzido e o reproduzido, entre o que os jornais mostram e o que não mostram, entre a visão de sacerdote e a de proletário, e entre o sagrado e o profano que poderemos encontrar os/as professores/as, com suas múltiplas facetas, buscando encontrar o seu *locus* social.

A mídia, sobretudo a imprensa escrita, costuma dar grande destaque a questões educacionais por serem alvo do interesse de uma considerável parcela da população. Os/as professores/as, ocupando posição de destaque no processo educativo, acabam sendo, direta ou indiretamente, enfocados pelas matérias, e no caso aqui em questão, pelas fotojornalísticas. Pode-se então perceber uma série de estratégias de grupos que pretendem influenciar a opinião pública (TURA, SEIXAS e PEREIRA, 2005).

Abordagens como as de Martín-Barbero (2001) deslocam a questão das mensagens que são divulgadas nos meios de comunicação para os usos que delas irão fazer os receptores, entendidos como personagens ativos que vão articulando suas identidades durante esse processo. Fazendo eco a reflexões deste autor, Silverstone (2005) assevera que devemos pensar a mídia como um processo de mediação, já que a mídia é algo que vai para além do ponto de contato entre as mensagens e os leitores/espectadores.

Dessa forma, concordando com Martín-Barbero (2001) e Silverstone (2005), entende-se que a mediação irá estabelecer um movimento de significados que irão circular e se transformar à medida que nós vamos colaborando para sua produção, individual ou coletivamente. Embora haja uma tentativa de criar certas hegemonias significativas por parte da mídia, os espectadores não devem ser tomados como passivos e meros receptores do que lhes chega.

Por mais que se tenha em mente que as fotografias podem não condizer com a realidade dos fatos, é relevante concebê-las como instrumento importante para que possamos perceber como a trajetória dos/as professores/as vai sendo descrita em determinados momentos. Tendo isso em vista, Schmidt (2000) afirma que as imagens e representações da docência produzem uma série de discursos sobre as especificidades do trabalho do profissional da educação e as características que ele tem ou deveria ter.

Com as matérias dos jornais em mãos, o primeiro passo foi selecionar todas as imagens que retratavam professores e professoras. Do total de 696 fichas confeccionadas para catalogação das matérias jornalísticas, somente 36 fichas apresentaram fotos que retrataram o profissional docente, sendo que algumas

matérias possuíam mais de uma foto. O material de análise ficou então composto por um total de 57 fotografias.

A busca de uma estratégia metodológica que possibilitasse a contemplação de outros olhares sobre as fotografias divulgadas nos jornais fez com que se optasse por levar algumas fotos que compunham o material empírico até diferentes docentes para que os mesmos pudessem compartilhar as suas interpretações daquilo que se constituía o objeto do presente estudo. Quem melhor do que os/as professores/as para expressar-se sobre imagens de coisas que lhes diziam respeito e que atingiam diretamente sua atividade profissional?

No intuito de dar-lhes voz, de ouvir suas versões e aprender com aquilo que fosse dito, cinco imagens foram selecionadas para serem levadas até os mestres, para que se pudesse perceber efetivamente o impacto que essas imagens provocam e como elas são diferentemente recebidas e compreendidas. O objetivo principal seria o de “investigar acerca de como aquelas pessoas definiam o seu mundo; revelando o que elas tinham como adquirido, o que elas assumiam que era inquestionável” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.186).

Dentro do material composto por 57 fotografias, foram escolhidas cinco imagens que já haviam sido por mim analisadas, para que eu pudesse perceber em que iriam se diferenciar as minhas visões das de outros profissionais diretamente ligados à educação. As fotos selecionadas foram devidamente numeradas e organizadas da seguinte forma:

Número da foto	Legenda	Jornal	Data de publicação
Foto 1	“Uma homenagem aos mestres”	O Dia	14/10/2004
Foto 2	“Candidatos reclamam de falta de organização e protestaram na unidade da Faetec. Mais de 70 mil se inscreverem para disputar 4.646 vagas”	O Dia	22/11/2004
Foto 3	“Revoltados com avaliação do governo, professores do Colégio Trasilbo Filgueiras, em São Gonçalo, reclamaram da falta de condições de trabalho”	O Dia	03/03/2004
Foto 4	“Jovens alunos na sala de aula: teste aplicado pelo MEC para avaliar o aprendizado de alunos de ensino médio e fundamental mostra que a média de 2003 é maior que a de 2001, mas inferior às de 95, 97 e 99”	O Globo	16/06/04
Foto 5	“Professores de Duque de Caxias saíram em passeata por aumento”	O Dia	03/04/2004

Os/as professores/as que fizeram parte desta investigação eram todos funcionários ou ex-funcionários da escola em que eu estava atuando enquanto estagiária, de forma que meu estágio curricular foi o caminho que me levou até esses

sujeitos tão singulares. Durante meu período no colégio, eu ia estabelecendo contato com os docentes por intermédio da professora da turma em que eu estagiei.

Através de conversas informais com os mestres, eu aproveitava para tocar no assunto de meu trabalho, fazendo logo depois o pedido para que estes me oferecessem seus depoimentos. Esse momento mais formal costumava ocorrer durante intervalos do recreio, quando eu ia colher os diferentes relatos. Ressalto que todos/as professores/as citados/as autorizaram a gravação, colocando-se inteiramente à minha disposição para qualquer necessidade de esclarecimentos posteriores.

Com as fotografias em mãos, os/as professores/as tiveram total liberdade para analisá-las, sendo que seus relatos iam sendo devidamente registrados por um gravador. Apesar do emprego deste recurso, que poderia causar certo constrangimento, procurei agir o mais informalmente possível, privilegiando a conversa e as relações face a face que se davam naquele momento, já que as falas seriam conservadas integralmente. No intuito de preservar o anonimato, tive a preocupação de utilizar nomes fictícios em todo o trabalho.

A intenção dessa dinâmica das fotos era a de se fazer um cruzamento de olhares, tendo sempre como mote a percepção do caráter polissêmico de uma imagem, que será recebida e interpretada de acordo com os pressupostos de cada leitor. O material fotográfico proporcionava o reconhecimento de pistas acerca do que as pessoas valorizavam e de que imagens preferiam (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

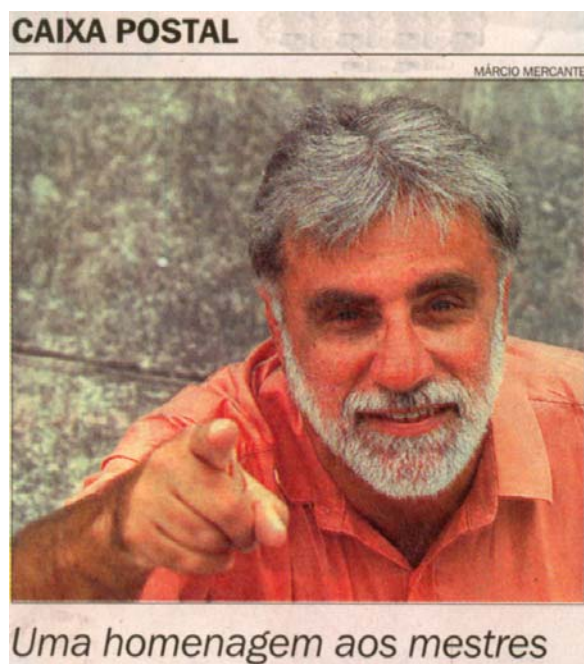
As fotos constituíram-se em um artefato que deu margem a uma série de conversas em que os mestres compartilharam suas trajetórias, histórias de vida, angústias, esperanças e preocupações. Foi impossível não lembrar do que Manguel (2001) já assinalava a respeito da associação das imagens com narrativas e vice-versa. As fotografias deram margem a uma série de usos que eu mal imaginava no início do trabalho. Elas foram um meio que me levou a compartilhar com os docentes um pouco de suas vidas, suas inquietações, suas angústias e esperanças de novas perspectivas para com esse campo profissional do magistério.

Puxando conversa

A primeira foto analisada foi divulgada no jornal O Dia (14/10/2004), na parte de Cartas dos Leitores. Ela trouxe à tona lembranças nostálgicas de um tempo em que os/as professores/as recebiam um maior reconhecimento da função social de sua tarefa.

Na carta, um leitor, que é também professor, presta uma homenagem aos mestres. A carta é ilustrada com a foto de seu autor, que é fotografado de cima para baixo, apontando para a câmera. Ao associarmos essa foto ao trecho da carta “Você que alfabetiza...” se tem a indicação de que o leitor-autor da mensagem pretendia endereçar sua carta diretamente aos demais professores/as que estivessem lendo e vendo-o. Fica a impressão de que o jornal busca transformar-se em uma ponte entre o professor que escreve e aqueles que estão “do outro lado”. Uma outra interpretação possível para essa imagem seria a de que o leitor-autor da carta, com seu olhar e seu gesto de indicar a câmera com o dedo, estaria cobrando daqueles

que o observam uma maior atenção ao profissional do ensino, que precisa, de acordo com sua fala, “enfrentar a ignorância e a prepotência de tanta gente”.



O texto exalta a determinação dos/as professores/as, com destaque aos alfabetizadores, que enfrentam uma série de adversidades para dar conta de “preparar tanta gente para encarar a vida”. Dentre essas adversidades são citados a má remuneração e o descaso. Fica bem forte a visão do mestre como aquele que luta, que transpõe barreiras imensas e sofre para efetivar sua tarefa educativa.

Acompanhando as linhas escritas pelo leitor-autor, temos a sensação de que o magistério que ele narra encontra-se situado exatamente entre o sagrado e o profano, descritos por Ferreira (2002) em suas análises. Apesar das dificuldades citadas, o/a professor/a ainda é vislumbrado pela ótica do ser missionário e abnegado, porém, digno de certa pena por todos os sofrimentos que lhe são impostos.

A professora Sonia relembra com saudades desse tempo: *“Antigamente colocavam até mensagens no jornal em homenagem aos professores, tinha oração do Mestre... hoje em dia quase não se fala e quando se fala, é pra criticar. E olha que é a profissão mais importante! O que seria de nós se não fossem os professores?! Deveria ser a profissão mais valorizada!”*. O “antigamente” citado por Sonia coincide com aquele período em que Ferreira (2002) e Fischer (2005) caracterizam como sendo aquele em que era consensual a associação do magistério com o sacerdócio. Por toda a parte circulavam os discursos que ratificavam que os docentes eram esses seres excepcionais, que como tais, deveriam conformar-se com quaisquer condições de trabalho, tendo a sua missão educativa como única preocupação.

Dulce foi outra docente que teve sua fala entremeada por certa amargura, sobretudo quando ela declarou: *“Ah, você vê essa juventude... não lembra do professor, não sabe nome, não sabe nada! Eles não querem nem saber. O aluno*

chega e diz que faz um monte de besteira e ainda ganha mais que o professor!”. Toda aquela aura que envolvia os mestres, provocando respeito, admiração e valorização foi sendo abalada quando situações difíceis colocam à prova o trabalho pedagógico.

Os traços físicos do professor enfocado foram destacados por Sonia, ao declarar: *“Eu vejo aqui uma pessoa de ar cansado, barba e cabelos brancos... será que ele tem motivos para sorrir?”.* Concomitantemente, José Carlos preferiu destacar que, apesar de ser uma pessoa aparentemente desgastada pelo tempo, o professor da foto *“nem por isso é uma pessoa incapaz de sorrir”.* O docente identificou na foto uma pessoa que parece que, apesar de tudo, não perdeu a esperança. *“Se for perguntar a ele, aposto que ele iria dizer que faria tudo de novo... como eu também faria”.*

A primeira fotografia se destaca diante das demais por representar exatamente a esperança e a perseverança apesar dos percalços. Alternando momentos de maior ou menor submissão aos limites das instituições reguladoras e diferentes graus de conformismo frente às adversidades, os/as professores/as em geral ainda acreditam na importância de sua tarefa, estando cientes de que sua docência é uma humana docência, pois seu ofício se “situa na dinâmica histórica da aprendizagem humana, do ensinar e aprender a sermos humanos” (ARROYO, 2000, p.53).

A segunda foto avaliada pelos docentes narrou uma situação degradante vivida por professores/as que tentavam uma vaga no magistério estadual. A reportagem do jornal O Dia (22/11/2004) afirmava que desorganização e tumulto no concurso público fizeram com que a Fundação Escola do Serviço Público (Fesp), organizadora da avaliação, anulasse as provas. Em vários locais não havia estrutura para a realização do exame, o que levou alguns candidatos, que se sentiram prejudicados, a irem protestar em outros prédios.



CANDIDATOS reclamaram da falta de organização e protestaram na unidade da Faetec. Mais de 70 mil se inscreveram para disputar 4.646 vagas

Sobre o título: “Total desrespeito a professor”, foi inserida uma foto impactante que trazia professores e professoras, com cartões de inscrição em punhos, cobrando a anulação das provas. A matéria estava composta por mais sete fotos de candidatos, dando seu depoimento sobre o ocorrido, que circundavam a imagem central. Esta exibia os/as professores/as literalmente “atrás das grades”. Não é exagero fazer essa colocação, tendo em vista que até a Polícia Militar foi convocada para conter o tumulto. Duas outras fotos apresentavam policiais em atitude de contenção dos ânimos dos candidatos.

A imagem em questão causou grande impacto sobre os/as professores/as. A esta altura, um verdadeiro achado de minha investigação foi poder ouvir o depoimento do professor José Carlos. Coincidentemente e para minha sorte, José Carlos participou do concurso estadual que foi retratado na foto dois. Ele pôde, melhor do que ninguém, falar-me de sua identificação com aquela imagem e das suas impressões ao vê-la. *“Eu participei e ela foi anulada por uma fraude... desorganização total! E olha que eu e minha esposa temos dois meninos que não tínhamos com quem deixar. Na época uma tinha dois e outra um ano. E fomos fazer prova em lugares totalmente diferentes”*. Ele narrou seu desespero e preocupação com a esposa que iria realizar a prova exatamente no local retratado: *“Isso é um absurdo! Minha esposa estava lá neste local... a prova foi encerrada mais cedo, aí eu corri pra lá pra ver se ela estava na porta. Aí a vi saindo... condições de violência, uma confusão”*. José Carlos foi uma verdadeira testemunha ocular do fato a que se referia a foto. Ela produziu o efeito de fazê-lo reportar-se até aquele momento, revivendo sua própria angústia que a imagem, por mais expressiva que pudesse ser, não poderia representar com toda a amplitude.

O ponto de vista político da questão também não deixou de ser mencionado pelo professor. Ele fez uma associação da desorganização do concurso com as confusões geradas por mudanças na administração pública, remetendo diretamente a uma crítica à atual gestão. Em tom desconsolado, o professor José Carlos não poupou críticas ao governo: *“Você percebe aí o descaso com a educação, a falta de responsabilidade principalmente do governo estadual... é um governo que pratica falsidade ideológica”*.

A professora Rosângela também destacou essa associação ao afirmar: *“Uma das piores coisas é quando muda o sistema político, porque o que vem depois quer mudar tudo o que a gente já tinha organizado para trabalhar, como se nada daquilo tivesse valor”*. Sonia foi outra que reagiu de forma mais exaltada: *“Como é que pode uma coisa dessas? Meu Deus... que governo é esse?! Quanta gente desempregada! Eles querem trabalhar e acontece uma coisa dessas...”*.

Na foto de número três, do jornal O Dia (3/3/2004) se buscou dar voz à categoria docente. Os/as professores/as foram clicados expressando todo o seu descontentamento para com os resultados da Avaliação do Programa Nova Escola, considerado por muitos como um mecanismo avaliativo injusto, adotado pelo Governo do Estado.

O Programa Nova Escola (PNE), instituído através do Decreto nº 25.959, de 12 de janeiro de 2000, objetivava avaliar as escolas da rede estadual com base em aspectos que incluem gestão escolar, desempenho dos alunos e indicadores de eficiência (evasão, repetência, abandono e distorção série-idade). Os professores e

funcionários eram, dessa forma, gratificados com quantias relacionadas à nota obtida pela instituição. (VALLE, 2003). Cada escola fez a adesão ao Programa por iniciativa própria, a partir de um convite emitido pela Secretaria de Estado de Educação.

A reportagem do jornal intitulada: “Professores reprovam teste” ocupa quase toda a página, e a foto em questão está posicionada bem no centro superior da matéria, o que, associando-se ao fato de ser uma foto colorida, chama bastante a atenção do leitor. Na fotografia, tem-se a legenda: “Revoltados com a avaliação, professores do Colégio Trasilbo Filgueiras, em São Gonçalo, reclamaram da falta de condições de trabalho”. Pode-se observar a presença de vários professores juntos na porta da escola citada. Destacam-se duas professoras que seguram um cartaz, onde se lê: “Que nota merece este governo?”. Alguns docentes gesticulam o número zero com as mãos, enquanto outros sinalizam com o polegar para baixo, no sentido de responder à pergunta feita no cartaz.



REVOLTADOS com avaliação do governo, professores do Colégio Trasilbo Filgueiras, em São Gonçalo, reclamaram da falta de condições de trabalho

A imagem chamou atenção pela expressividade dos gestos e acenos dos mestres retratados. Foi inevitável a identificação dos docentes ouvidos com aqueles que estavam contestando a avaliação do Programa Nova Escola. Embora a presente pesquisa tenha se dado em uma escola da rede municipal, percebeu-se uma concordância no que tange aos motivos das reivindicações. Dulce Maria, por exemplo, afirma que “*essa má remuneração não é só em São Gonçalo, mas é todo o lugar que tem!*”.

A fotografia evocou uma série de comentários de Rosângela, que desabafou sobre os dilemas pelos quais a sua escola atravessa. Ela explicou que a sala da direção teve que ser deslocada para que a sala de atendimento a crianças com necessidades especiais pudesse ficar no primeiro andar. Além disso, também falou da falta de espaço físico para aulas de Educação Física: “*A gente tem professor, mas qual o espaço que eles têm para trabalhar?! Eles fazem milagre! Não temos quadra,*

do lado da escola passa um rio e o muro que separa caiu no último temporal!”. Outra dificuldade citada foi o fato da escola ser situada bem de frente para uma das vias mais movimentadas da cidade, fazendo com que as professoras tenham que “se esgoelar muito alto para serem ouvidas”.

Falou-se das dificuldades encontradas por quem se esforça, mas não “*tem condições de trabalho... é só giz e voz! Você quer fazer uma coisa melhor e não tem*” (Dulce Maria), o que levou Odaiuá a afirmar que “*os professores não estão reclamando nem do dinheiro, e sim da falta de condições de trabalho*”. Fica notório que os mestres defendem-se das críticas de uma educação de baixa qualidade alegando que não falta vontade de ensinar, e sim um apoio mais eficaz do governo e das instituições responsáveis que só se limitam a fazer cobranças, mas não oferecem subsídios. Corroborando com essa assertiva, Sonia questionou desolada: “*Se o governo não colabora, como é que eles podem exigir tanto dos professores?!*”.

Em trabalho de pesquisa que buscou perceber a repercussão do PNE em uma escola municipal noturna do Rio de Janeiro, Tura (2005) afirma que o modelo de avaliação aplicado, muito semelhante a outras propostas de países latino-americanos, se insere no contexto de reformas educacionais ao empregar um discurso que busca associar maior autonomia e participação docente e discente com as transformações que se pretende implementar no campo pedagógico. A autora indica que a equação envolvendo maior autonomia e maior controle só fazem criar mais empecilhos no já tão árduo trabalho docente.

É ainda Tura (2005) quem chama atenção para o fato de que é no campo da prática que cada corpo pedagógico escolar irá desenvolver alternativas para conciliar as exigências do PNE com as possibilidades e realidades existentes. Os/as professores/as indicam sempre a questão da competição desigual que se coloca entre as escolas com melhores condições, que são as que obtêm melhores resultados e aquelas menos favorecidas materialmente, que acabam ficando com os índices menores. Talvez um ponto muito importante que seja escamoteado no processo avaliativo seja o da imensa multiculturalidade dos espaços escolares e a conseqüente diferença de demandas, carências e características.

Novos paradigmas vão se estabelecendo no campo educacional, trazendo consigo novas formas de encarar o trabalho docente e as práticas pedagógicas. As tão discutidas reformas educacionais estabelecem controles cada vez mais rígidos sobre o trabalho docente, buscando garantir que os/as professores/as atuem sempre de forma a estar a favor do mercado. A atividade pedagógica torna-se, desse modo, uma tarefa cerceada e padronizada segundo as demandas do capitalismo neoliberal.

Vieira (2004), em seu estudo sobre a transformação cada vez maior da educação em mercadoria, nos discorre sobre este novo modelo de cooptação, que recebe o nome de Gestão pela Qualidade Total (GQT). Este modelo caracteriza-se por um discurso de chamamento dos profissionais a estarem participando de uma verdadeira missão em prol da escola/empresa e a desenvolverem habilidades e competências individuais que os tornem mais enquadrados aos moldes pré-estabelecidos.

Aqui se percebe a imbricação entre as idéias de profissionalismo com as de ordem mais pastoral. Os docentes têm a missão de fazer sua escola manter-se no topo, dedicando-se ao máximo para obter a satisfação do aluno/cliente. É uma

combinação em que, para Vieira (2004), “as fronteiras entre vocação e profissão são transgredidas em favor do mercado” (p.90). Como parte do mecanismo de controle, os resultados obtidos são publicados, exibindo teses, estatísticas de aprovação/reprovação, comparação entre escolas, notas, pesquisas de opinião, bonificações, etc. A prática docente vai sendo quantitativamente publicizada e, como consequência, qualitativamente esquecida.

A fotografia de número quatro também se insere nesse contexto de divulgação de dados pautados em instrumentos quantitativos, como no caso, o SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica). Assim como o Nova Escola, as críticas ao SAEB dizem respeito exatamente ao fato de ser edificado com base em critérios que enfatizam muito mais as leis do mercado do que a educação em si.

A imagem do/a professor/a como centro do processo de ensino-aprendizagem ainda é algo muito corrente no imaginário social. A foto veiculada em O Globo (16/06/04), que ocupa o topo da matéria, exhibe justamente esta posição de destaque do docente. Vemos uma sala de aula, aparentemente bem organizada, com crianças bem pequenas sentadas em filas, de costas para quem as observa. As duas fileiras no centro da foto formam duas linhas que convergem para a figura da professora, em pé na frente da sala, absorta em alguma explicação para os discentes.



JOVENS ALUNOS na sala de aula: teste aplicado pelo MEC para avaliar o aprendizado de alunos de ensino médio e fundamental mostra que a média de 2003 é maior que a de 2001, mas inferior às de 95, 97 e 99

Ao observar a foto quatro, Elaine logo se remeteu também às fotos um e dois. Ela ressalta que mesmo com os resultados de avaliações apontando índices cada vez piores, “ainda existe muita gente se candidatando pra concursos, acho que não só pelo valor do salário, mas pelo desemprego que está no país também [...] não é só pelo amor à educação, pela vontade de dar aulas. É uma alternativa, porque na educação sempre tem muita vaga”. Aline também fez essa associação de “que mesmo com tantos problemas, ainda têm muitos professores que estão buscando, estão tentando e não desistem”.

Com relação aos testes aplicados, Rosângela foi categórica em seu desabafo: “A gente sente mesmo... as médias, o interesse dos alunos a cada ano é menor! Porque a família a cada ano se interessa menos pela escola. Se interessa pelos

benefícios que a escola promove! É o Bolsa-escola, é Bolsa-família, é Cheque-cidadão... se você bota um cartaz aqui de Bolsa-família, todo mundo se interessa! Agora vai botar um aviso de reunião, ninguém aparece". Aqui o tom foi de uma certa acusação feita às famílias que cada vez menos freqüentam as escolas. Rosângela reclamava da dificuldade de se estabelecer um diálogo maior entre a instituição escolar e os responsáveis dos alunos. A palavra "interesse" foi empregada no sentido de ausência, de uma falta que para ser preenchida não depende somente da escola.

Referindo-se às formas através das quais o Estado tem buscado centralizar a responsabilidade pela administração escolar, Tura (2003) destaca a grande cisão entre o pensado e o vivido, estabelecida devido à formação de um grupo de *experts* que irão definir os parâmetros normatizadores das práticas docentes. Com isso, as diferenças culturais encontradas nos espaços pedagógicos contrastam fortemente com a rigidez e a padronização de sistemas avaliativos, como o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), o Programa Nova Escola (PNE) e outros mais. Os dilemas enfrentados no cotidiano, como carência de materiais, salários insuficientes e dupla jornada de trabalho acabam sendo escamoteados pelas instâncias burocráticas.

A professora Sonia forneceu uma visão distinta das demais. Foi muito interessante sua expressão facial ao se deparar com essa foto. Sua atenção fixou-se na organização da sala de aula, que ela reprovou por considerar como *"mal organizada, muito fria e com murais aparentemente precários"*. Sua fala de que *"no meu tempo não era assim"* foi ilustrada com as lembranças de que em sua época *"as professoras tinham incentivo da direção da escola a cuidarem de suas salas, de arrumarem os murais, de decorarem com gosto"*.

Mas afinal, que imagens os educadores nos mostram e que imagens a sociedade vê? A foto número cinco, do jornal O Dia (3/4/2004) se refere a uma paralisação feita pelos docentes de Caxias com o intuito de reivindicar a incorporação de uma gratificação nos traz a imagem de um grupo aparentemente coeso, que se reuniu intencionalmente com um objetivo comum. Mais uma vez, é nítido o conflito entre docentes e governo, que se expressa no subtítulo da matéria: *"Profissionais de ensino fizeram passeata por melhoria salarial no Centro do município. Secretaria de Educação avisou que vai descontar falta"*. A ausência de um diálogo entre as partes se materializa em ações como essa, que aponta para uma tomada de atitude dos/as professores/as, cansados/as do descaso dos governantes.

Em geral, os/as professores/as reconheceram as passeatas e manifestações como algo importante, pois representa *"a busca pela melhora, pela valorização da profissão"* (professora Aline), mas de efeitos freqüentemente ineficazes. Débora admite de forma irônica: *"Os professores vivem brigando por aumento, mas a única coisa que a gente tem conseguido é aumento de trabalho!"*.



A falta de organização e coesão entre os profissionais do magistério são vistas como entraves no reconhecimento da legitimidade das reivindicações. Dulce pontua essa questão ao declarar: *“Eu acho que hoje em dia se um professor faz greve ele fica com medo de ser mal-visto, aí a pessoa fica temendo as represálias”*. A necessidade de uma participação mais ativa na cobrança de um melhor tratamento aos docentes foi também assinalada por Aline: *“Mas eu ainda acho que a categoria ainda não se organizou. Eu falo por experiência própria. Tô me incluindo mesmo! A gente fica aqui reclamando, mas na hora de participar das discussões, ninguém vai!”*.

O papel do Governo foi visto como essencial na melhora da situação da educação, pois o excesso de tarefas delegadas à escola acaba prejudicando seu rendimento. É Elaine quem destaca: *“O problema é que o Governo quer que os professores assumam o papel da família e a escola jamais vai suprir uma carência familiar. Tá ficando muita responsabilidade só para os professores e prá escola!”*.

José Carlos é outro que sai em defesa dos mestres. Ele afirma que se generaliza a questão da incompetência do profissional da educação. Em sua visão, *“a maioria é competente, se esforça prá ‘tirar água de pedra’!”*.

E ainda há muitas páginas a serem escritas...

Tudo o que foi dito pelos docentes compôs um vasto material que permitiu uma série de constatações. A partir de seus depoimentos, foi realizada uma análise de conteúdo das falas, ainda seguindo o modelo proposto por Bardin (1979). Nessa análise, destaca-se a decepção com a educação (N=17) do total de enunciações. Os docentes lamentavam o descaso, a falta de condições materiais e o tratamento desrespeitoso com relação à educação e ao magistério. O Governo não saiu imune das críticas dos/as professores/as. Os/as professores/as apontaram as autoridades como diretamente culpadas pelos dilemas educacionais (N=22).

O dualismo envolvendo um passado sagrado e um presente profano (FEREIRA, 2002) transpareceu em certas falas. Foi comum a ocorrência de um certo tom nostálgico envolvendo os discursos sobre um tempo em que o ato de lecionar

era cercado de estabilidade e reconhecimento, que acabavam sobrepujando certas situações adversas como o excesso de alunos por turma ou os baixos salários.

Paradoxalmente, esse mesmo professor desvalorizado ainda é visto como tendo um papel fundamental na formação dos/as alunos/as. Os/as professores/as teceram também muitos elogios ao profissional docente (N=30), tido como alguém que não mede esforços para cumprir com efetividade sua tarefa educativa.

Os pais ou responsáveis, quando citados, o foram de forma crítica, no sentido de que não estão colaborando com a escola na educação de seus filhos, relegando aos docentes um excesso de responsabilidades.

Mesmo que seja muito tentador afirmarmos que o momento atual é a pior fase pela qual o magistério já passou, creio que essa posição deve ser bem relativizada. Já houve um tempo em que se convencionou chamar de “anos dourados” da profissão, em que a docência parecia desfrutar de muitas regalias. Entretanto, por trás de tanta consideração e dos discursos enaltecendo, ocultavam-se as dificuldades atravessadas por muitos docentes que tinham suas vozes silenciadas por um governo ditatorial e por uma mídia que só mostrava o que devia ser mostrado. Afinal, “o discurso que glorifica é o mesmo que ordena e vigia” (FISCHER, 2005, p.232).

Embora as imagens de forma geral não tenham transmitido uma situação muito favorável para os docentes, estes permanecem ocupando uma posição central para grande parte da população que ainda percebe na figura do/a professor/a aquele/a que irá conduzir as novas gerações a aprender os conhecimentos requeridos por determinada cultura. Somos levados a nos indagar se esta posição tão central na transmissão de conhecimentos socialmente valorizados não está sendo um mobilizador de movimentos de enquadramento desses profissionais. Pelo fato de vivermos em uma sociedade em que os grandes veículos de comunicação são monopólio de uma elite privilegiada, talvez não seja interessante valorizar uma profissão que poderia ser uma das principais responsáveis pela transformação do *status quo*.

Atualmente, a mídia e, no caso aqui analisado, as matérias de jornais se colocam como um veículo importante na construção de imagens, valores simbólicos e crenças sobre a vida escolar e os atores nela envolvidos. Uma imagem nunca é algo à parte. Ela é posicionada dentro de uma matéria geralmente não com um caráter meramente ilustrativo, e sim como artefato indispensável para legitimar determinadas prerrogativas ou levar o leitor a compreender com mais precisão as situações narradas.

As fotos muitas vezes são as grandes responsáveis por despertar nosso interesse para ler a matéria integralmente. E enquanto leitores ativos que são, os mestres estão o tempo todo ressignificando as mensagens que a mídia oferece. Cabe-nos então dar a devida atenção ao que os jornais produzem e reproduzem como discursos sobre a educação e a forma como tais concepções chegam aos atores diretamente envolvidos nessa trama: os tantos professores e professoras que atuam cotidianamente nas nossas escolas. Porque sobre as identidades docentes ainda há muito que se escrever.

Referências bibliográficas

- ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zorge ZAHAR Editor, 2005.
- BOGDAN, Robert C. ; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.
- FERREIRA, Rodolfo. *Entre o sagrado e o profano: o lugar social do professor*. 3.ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.
- FISCHER, Beatriz T. Daudt. *Professoras: histórias e discursos de um passado presente*. Pelotas: Seiva Publicações, 2005.
- GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais*. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar*. São Paulo: Hacker Editores/EDUSP, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *Jornal: da forma ao sentido*. 2.ed. Brasília: Editora UnB, 2002.
- ROSÁRIO, Nísia Martins do. Imagem e informação: a fotografia como mensagem jornalística. *Revista de Estudos da Comunicação*, Curitiba, v.3, n.6, p.41-47, jul./dez. 2002.
- SCHMIDT, Sarai. *Aprendendo a ler nas lentes do jornal*. Trabalho apresentado no GT de Alfabetização, Leitura e Escrita da XXIII Reunião da ANPED, Caxambu/MG, 24-28 de setembro de 2000.
- SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. *Os desafios do ensinar e aprender em um tempo de pluralidade cultural*. Projeto de Pesquisa. Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

_____. (2005). O Programa Nova Escola e o cotidiano escolar. Braga. *Revista de Estudos Curriculares*. A.3, n.2, p.199-216.

_____. ; SEIXAS, Luciana Velloso da Silva; PEREIRA, Glícia Mendes. As fotos falam do Ensino Fundamental. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda; BARRETO, Raquel Goulart (orgs.). *Pesquisa em educação: métodos, temas e linguagens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 63-80.

VALLE, Bertha de Borja Reis. Formulação dos planos de cargos e salários e estatutos do magistério: a nova legislação. In: SOUZA, Donaldo Bello de; FARIA, Lia Ciomar Macedo de (Orgs.). *Desafios da Educação Municipal*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 123-145.

VIEIRA, Jarbas Santos. *Um negócio chamado educação: qualidade total, trabalho docente e identidade*. Pelotas: Seiva, 2004.